

Edson Bueno de Camargo

LIVRO
BRANCO

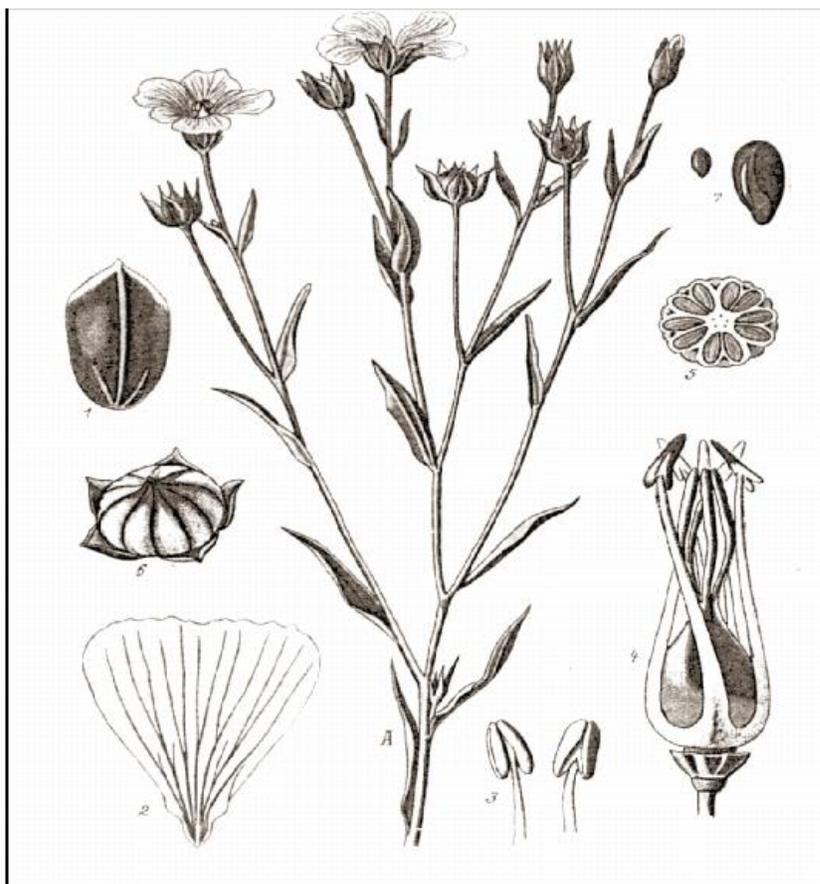
Edson Bueno de Camargo

linho
branco

2014 © **Edson Bueno de Camargo**
e-mail: camargoeb@ig.com.br

Este livro pode ser livremente reproduzido em parte ou em sua totalidade, para fins educativos e ou literários, desde que respeitado a autoria, avisado o autor e encaminhado material que venha a ser produzido (mesmo virtual) ao mesmo.

dedicado aos uivadores para a lua
aos apascentadores de lobos
e aos que caminham pela noite



O Sensacionismo Revisitado

(Apresentação a **Linho branco**, de **Edson Camargo de Bueno**)

A Rebelião das Justificativas sem Causa

Conta a lenda da vida como ela foi que Picasso, frente à confirmação exigida por soldados nazistas em saber se havia feito aqueles borrões, deformidades hoje conhecidas como *Guernica*, teria sentenciado:

— Não. Foram vocês que fizeram.

A breve história, ilustrativa do que parte da arte se pôs a fazer dos últimos séculos para cá, não deveria introduzir um livro tão diverso da temática e situação narradas há pouco. No entanto, **Linho branco** de **Edson Camargo de Bueno** se liga à questão, também nela sugerida, e com força tentadora, quase a exigir que nos arrisquemos num passo, quem sabe, em falso.

Não importa: os caminhos devem ser percorridos, mesmo que curiosas solas somente errem.

I. Puro como a Ausência, Ausente como a Liberdade

Pois o título já é intrigante, **Linho branco**. Por que o seria? “Linho”, sua fibra é usada na fabricação de tecidos; de sua semente, é extraído o óleo para produzir tinta. Registros egípcios, de 2.500 a.C., relatam a utilização dele para enrolar múmias. “Branco” porque puro, sinal da morte imaculada tantos milênios anos, desde outro continente, como o da pureza na cor vestida pelas noivas até nossos dias. E, não nos esqueçamos: excelente para guardanapos! O que é uma imagem de étimo paradoxal, pois quem produz tinta é o mesmo que apaga bocas.

Não à toa o título da última obra de Edson vinda à luz reflita alguma metalinguagem, entre as puras linhas do vivido e do não escrito. Por exemplo, na terceira parte do livro, após *três atos* (primeira) e *santuário* (segunda), topamos com *linho branco*, dentro da qual há um poema de mesmo título.

Nele, a claridade da cor, “esta manhã [...] ainda”, espraia-se para a vestimenta fúnebre, “teci o tecido mortalha/ com o linho branco/ da luz da imensidão”, o que nos traz à memória tanto o ritual egípcio quanto a pureza presentes na história daquele objeto, depois de declarar “rompi com a chuva/ libertei meus pecados/pedaços/ de suas obrigações// (fugiram, nem olharam para trás)”; mesmo que o conflito continuasse, pois “marchei para a guerra”, e mesmo

que algo já tivesse terminado, “carreguei em meus braços/ meu eu/ morto no mar”, só lhe restando registrar, por meio da linguagem, o que se findara, “as palavras da morte/ escrevi em meu peito/ sobre meu coração”.

Quem rompe despedaça; no caso, reduz pecados em fragmentos, se já não o foram despedaçados antes — a barra (“/”) funda um jogo intercambiável, produto do esgarçamento dos laços entre as coisas no mundo ou sua conexão subterrânea. A chuva (segundo verso) reaparece no mar (décimo sétimo), onde o eu-lírico aparece morto, como se pudesse, talvez, limpar a voz, *persona* pela qual tudo isso que deseja forma e sólido conteúdo saiu.

O eco “meu eu” aponta a possessão do pronome, agora duplicado. Mas o verso seguinte sentença que está “morto no mar”, ou seja, quando o eu-lírico disser algo, esse algo virá do “tecido mortalha”, ele feito “com o linho branco”, elocução sinuosa que morde o próprio rabo.

Quem fez, então? Picasso repetiria “vocês”, referência aos soldados, agentes da morte pincelada no quadro, enquanto o artista apenas representa a realidade deformada por eles. **Edson Camargo de Bueno** aponta para outro caminho, e a questão mencionada no princípio desta apresentação se vê do avesso. Por dentro da mumificação do eu-lírico na poesia contemporânea, propõe o levante dos tecelões, aqueles construtores de um tecido pessoal, da nossa visão do mundo enquanto leitores e, daqui em diante, simultaneamente eu-líricos do que lemos.

Visão, também daqui em diante, sagrada porque sensorial.

II. Apocalipse Portátil

Todo o livro tem sua pretensão. Além da secreta parte do fogo que se entredevora sem saber ao certo como, quando e por quem, todo o livro, garrafa com mensagem dentro, se lança. Desde o título, **Linho Branco** é um convite à dúvida, logo esfumaçada em serpente. A literatura moderna se faz tal pergunta desde os primórdios, e o caminho sugerido por nosso autor é sem volta.

A partir da lição mallarmaica, o tão propalado “desaparecimento elocutório do poeta” afeta o lírico inveterado **Edson Camargo de Bueno** de forma particular. Longe dos impérios sem sentido, aqueles de muita arquitetura e nenhuma gota de sangue em qualquer poema, sua impessoalidade se transfunde de reminiscências suas, todas elas declaradas de onde vem, isto é, de que **Edson** estamos falando, mas também são tão sugestivas que, sem perceber, o leitor estará usando suas próprias percepções para erigir um pequeno país de memórias que nele vive,

agora desdobradas entre autor, leitor e as imagens empregadas em, por que não, nossa poesia.

Para tanto, o percurso não será nada fácil. A escura selva se dá pela falta de esperança, “dê - nos/ o que não tem/ a paz”, pois “não haverá paz/ nos montes (nem hoje nem mais)”, assemelhando-se a “fornos ardentes eternos/ fogo contínuo/ por mil anos queimando/ almas e enxofre”. Não haveria outra opção para quem passa uma temporada no inferno: “fico triste/ quando não se vê o sol”; talvez seja a razão para declarar que “o espelho/ não se reconhece em mim”. A percepção se amplia aos seus iguais, “esquecidos/ ao seu tempo/ homens perambulam sob o carregado céu”, sendo que “fantasmas/ só têm solidão”.

O lírico inveterado, porém, é raptado por instantes melhores, somente quando não em posse de suas faculdades, como confessa “ontem/ dormi estrela”, potencializada em “multidão de estrela/ no verve/ a palavra era santa”.

Pensemos com mais calma na confissão de nosso autor. Adormece-se à noite; a simbiose entre a pessoa em repouso e a noite estrelada se dá no desligar-se da consciência, aquela mesma que lhe trazia antes sofrimento infernal. O que era apenas uma estrela, corpo solitário novamente brilhante ao adentrar o reino dos sonhos, algo parecido com o dos mortos, multiplica-se (“multidão”), tanto por causa da vivacidade quanto do dom de orador (“verve”). Mas orador enquanto dorme? Apenas se for de sonolenta possessão, e por isso mesmo “a palavra era santa”. Santidade na inocência, no puro linho das sensações.

Chegar aí não é tão fácil. Passa-se por dezenas de provações antes, quando “novamente/ o vento/ viração de *ontontem*/ carece de compreender (não)/ laços rompidos// uivos e lamentos/ (elementos)/ latentes,// vidros quebrados/ janelas sem tranca// (lembro minha mãe/ lençóis brancos como velas)// mas sempre estive ausente”, cenário de pequenos apocalipses, ou “sobras do desastre”, e cada um “carboniza ouro e caos”, ou seja, tudo se fragmenta, mas com requinte, razão pela qual, quem sabe, “a ausência do som/ que se faz antes da chuva/ cria um silêncio tão alto”, mesmo que “se estranhas/ às minhas palavras/ entendo-te perfeitamente”, fazendo o eu-lírico afirmar “não me abalo com que dizes/ já não creio”. Se “o nó/ busca o escuro”, é nas conexões subterrâneas que o segredo adormece, e assim “o sangue escoará pelos séculos”; para isso, é preciso perder o olhos, ““cria cuervos”/ asas negras/ tinto e rojo// outro nome para desejo/ inconfessável”. No momento em que ele constata “não sei mais das minhas verdades/ da rua molhada lá fora”, “um cigarro queima lentamente/ num cinzeiro de mão de macaco/ na antecâmara do inferno”, imagem de alguém já paciente, e sua resposta virá tão forte quanto, de “espadas/ esperando pela promessa do profeta Isaías”.

De não haver e do que restou, monta-se um corpo de percepções e memórias, não mais somente que pertença a **Edson Camargo de Bueno**, quebra-cabeça para a nossa vã racionalidade. Que, ao lermos tal livro, possamos, a contrapelo da História, dizer “Sim. Fomos nós que fizemos.”

III. A Memória dos Sentidos

Edson tem um corte sintático, numa maestria toda especial para o verso. Sua maneira de dizer, assim plasmada, lembra alguns contemporâneos de versos curtos, recorte cirúrgico; a diferença está que o efeito conseguido não é exatamente o do brilho verbal querido por seus colegas de pena, mas o apelo aos sentidos, sempre vivos na memória. Por isso mesmo, recitar poemas de nosso autor, às vezes, nos sugere o quanto de lembrança é carregado por eles estrofes afora, como também em nós reativa desconhecidas visões da realidade. Quem já leu “Metáfora em Montagem” de Modesto Carone sabe ao que me refiro, mas noutra chave em **Linho branco**: a capacidade em deixar pistas de um filme anterior, interior.

Na primeira estrofe do livro, primeira parte, *três atos*, “a fábrica/ numa tarde/ imensa/ tijolos vermelhos”, o corte do verso coincide com o da câmera da percepção, a “fábrica” é representada, de forma metonímica, pelos “tijolos vermelhos”, atravessados pela “tarde/ imensa”, e essa disposição, separando substantivo de seu adjetivo, também tem, além da justaposição entre conteúdo e forma, um tom hiperbólico, efeito este ponte para o mundo do corpo, reino intensificado pelo choque do verso simultâneo. Mas o choque aqui não compactua com a agressividade do início do século XX, sim com a sutil herança das Vanguardas em sua proposta literária ainda não assimilada de todo, em diálogo com a simultaneidade da lírica moderna, imagens autônomas que exigirão do leitor as conexões. Na estrofe que se segue, “jaziam quarenta ventos/ em postes iluminados/ (vaga-lumes)”, a confusão aumenta, porque o corpo condensa sentidos de origens diversas, sem que possamos precisar se os “postes iluminados” são “(vaga-lumes)” ou se estes, aqueles.

Um de seus cenários fica declarado, a fábrica, seja ela em “olha// embotado / (talvez de sangue)/ o chão da fábrica” (parte 2, poema ‘três atos’), ou “a fábrica vazia/ assim vazio o meu corpo/ tal qual copas/ no baralho aberto” (também parte 2, mesmo poema), como também “chinelos de dedo pisam suaves// operários sem medo/ percorrem alameda sem luz”. A paisagem da fábrica, presente em livros anteriores, é uma forma de o autor **Edson** reintroduzir no eu-lírico de **Linho branco** sua história pessoal, já em diálogo com outros autores, em especial, Maiakovski, não só a temática do cenário, mas também o corte do verso, escandido pela página como se ajudasse o leitor em sua entonação.

Neste pormenor, algo seduz: o uso das barras, como “vaso/vidro”, “perfume/manhã”, “rompida/abandonada”, “terra/pedra”, “água/ácido/sulfonados”, “cantinho/baixinho”, ‘espinhos/arames’, “tantos/todos”, “carnaval/canavial”, “linho/cânhamo/algodão”, ‘chaves/correntes’, “esboços/projetos”, “realidade/imagem”, “ideogramas/nanquim/pincéis”, “cerebral/enxaquecas”, “mítica/mística”, “alaranjada/iluminada”, “rubi/rósea”, “incandescente/ granito”, “primordial/bestial”, “pedra/minério/granito”, “margens/bordas”, “pecados/pedaços”, “nado/oco” e “ceras/pavios”.

Percebe-se que a justaposição feita entre palavras ora é sonora, seja aliteração, rima ou ritmo, quando sílabas emparelhadas, ora simbiose de significados.

Também há o uso constante dos parênteses, “postes iluminados/ (vagalumes)”, “um buquê de rosas/ vermelhas/ (na verdade era uma só)”, “embotado/ (talvez de sangue)”, “diamante/ (ou rubi)”, “dormimos (abraçados)”, “cristal calcedônia/ (do mais puro)”, “azul e verde (de águas marinhas)”, “não haverá paz/ nos montes (nem hoje nem mais)”, “toda a casa (reminiscência)”, “meus olhos/ novamente/ de dentro para fora (iridescente)”, “o remoinho carrega (saci?)”, “s(m)eu”, “entre(dentes)”, “de(novo) presente”, “carece de compreender (não)/ laços rompidos”, “lamentos/ (elementos)”, “vidros quebrados/ janelas sem tranca// (lembro minha mãe/ lençóis brancos como velas)”, “há desenhos geomânticos/ sob seus pés (não sentes?)”, “quatro perpendiculares/ (pilares basais)”, “*sectio aurea* (segundo Leonardo da Vinci)/ *sectio divina* (segundo Lucas Pacioli)”, “o velho cego/ (ainda procura um justo)”, “água turva esverdeada/ (perigo, diz William Blake)”, “como alevinos de anêmonas/ (ou seriam larvas)”, “libertei meus pecados/pedaços/ de suas obrigações// (fugiram, nem olharam para trás)”, “Sagrado Coração de Maria (flamejante) [...] Sagrada Ordem do Templo (enfundadas cruces vermelhas/ bandeiras)”, “ciência escondida na pedra/ (círculos)”, “quelônios despencam do céu/ (acautelem-se sábios)”, “atalantes disfarçados/ (lanças e cavalos)”, “o ato (primeiro?)” e “nem mesmo (eu)/ tenho tido”.

Aqui, o jogo é de comentários, inserções de dúvida, complementos à imagem, correções, como se um segundo autor se sobrepusesse ao eu-lírico, numa intervenção poética de cunho labiríntico, também sedutor para que o leitor faça o mesmo, quem sabe já emulando aquele que, em sua imaginação, lê, pois todo autor possui um leitor em si, e vice-versa.

“*Nemo* nunca se encontrou”. Estar em contato com as mais diversas referências, eis um dos mecanismos para enlaçar o leitor, de citações em latim a filmes hollywoodianos. E estar em contato com leitor, por meio dessa ampla rede de conexões, é o mesmo que jogar com a simultaneidade dos líricos versos

modernos, como se pode perceber em “*dulcemente/ envolver meu rosto/ com seus cabelos// em espanhol seriam/ sus pelos*”, entre a beleza do significante de outra língua e o humor da tradução, de forma matreira, no próprio poema, intensificando a docilidade romântica e seu antípoda, a ironia. Acrescentemos mais dois exemplos: quando duplica, seja de maneira elegante “dar-me ao mesmo duro dia/ o nome de um dia”, seja num registro quase infantil, “quando se fala/ leite/ penso dente”.

IV. Poeta de Objetos

Se refletirmos um pouco, a prática que se destaca é a da metonímia, muitas vezes também exercida no uso daquelas barras ou parênteses.

Talvez tal figura de linguagem seja, por excelência, um exercício sensorial; enquanto a razão se preocupa com o todo, as partes sobram para o corpo, pois “tudo está contido em tudo”. Basta vislumbrar algo, como “uma muda de roupa/ limpa/ sobre a cama/ espera”, para que se interligue com o já analisado “teci o tecido mortalha/ com o linho branco/ da luz da imensidão”, e pode servir de ponte a seguinte imagem, “branca sobre a mesa/ pequeno filete dourado”, entre a brancura das roupas limpas e o sol que ilumina tamanha claridade, isto é, os objetos se conectam na pureza da percepção, enquanto os homens estão desgarrados, “só as sombras/ caminham nos quartos”, mas serão elas mesmas que farão as ligações entre aqueles fragmentos de realidade, mas somente quando estiverem em estado de sombra, dos belos adormecidos.

Cabe entreabrir uma porta neste instante: o comentário de Walter Benjamin, em ‘O Surrealismo — o último instantâneo da inteligência europeia’, quanto à força do inusitado ao desabrochar do cotidiano, o que podemos traduzir na simplicidade cortante do olhar surpreso diante do mundo em que se está. Os que creem o serem, apenas brincam de serem surrealistas, pois emendar loucas imagens sem lógica qualquer não questiona absolutamente nada, sendo tão banal quanto o mais banal dos fatos; a força do inusitado cresce especialmente quando se insere entre o já sabido e nem ao menos imaginado, enquanto ambos perdem o fácil estatuto de conhecimento e ignorância, agora intercambiáveis. E uma das maiores potências reside nos objetos.

Alguns exemplos desestabilizadores, como “a casa/ ela/ parece que/ o fim/ de um desastre”, “lua tinta em sangue”, “escamas de jade”, “lagartixa grudada no céu”, “indiferentes a tudo/ algas verdes se multiplicam/ desde tempos imemoriais”, “sob a ponte o rio corre/ inclemente” e “na luta/ da lua/ eterna rebentação/ em costões traiçoeiros/ mariscos incrustados/ aguardam”, “havam/ tantos/todos/ daqueles meninos/ com luzes nos olhos”, “rato com fome/ roendo o destino/ rato

com fome/ roendo o disco do sol”, “deu-se de beber a terra”, “velocidades inflamadas do ar”, “o nível de pedreiro/ sempre apontará/ o centro da terra”, “será abandonada/ em qualquer canto da casa/ entre tesouros abandonados por piratas/ e teias de aranha do sótão” e “quelônios despencam do céu/ (acautelem-se sábios)”

São visões do dia, porém recolhidas quando a segurança do cotidiano vacila, por isso às vezes soando infernal, noutras, deslumbrante, “de coisa fuligem/ de sal e de terra// de coisa/ sim/ de coisa/ sem que eu saiba”, no espaço em que nos deparamos com “enigmas escritos nas rachaduras da calçada// mas ninguém lê/ permanecem mistérios”, da mesma forma que as “sagradas geometrias/ ciência escondida na pedra/(círculos)”, claro que também “esboços/projetos para a insanidade”.

Se “tudo está contido em tudo”, ‘os nomes mudam’, e “o fim está em/ outro poema// sua própria/ linguagem”, como “cartas sem endereço/ vão para qualquer direção/ mas nunca chegam/ a lugar algum”, sendo que “depois mais adiante/ deposita/ nada é absolutamente novo”. Na ruína dos fragmentos reside um castelo invisível, “signos/ que se escondem nos símbolos/ não lidos”, e o eu-lírico pressente que se repete em completa ignorância, “acho que já escrevi isto um dia/ algum dia e outro dia/ novamente agora/ neste dia quase novo”, naquele exato instante em que conhecimento se confunde com inocência, e o único caminho é o da descoberta.

De “tudo que é sagrado/ me aproprio”, fala o eu-lírico, já capturado por nossas percepções também, como, quiçá, o que há de sagrado nas coisas seja apenas reflexos nossos, no puro linho dos espantos. E todos se confundem, porque todos somos leitores e autores das palavras que se vislumbra ao surgirem no papel: quem lê escreve outro poema, tão pessoal quanto; quem escreve lê outro poeta, num estranhamento familiar. Assim, “o ato (primeiro?)/ de apontar o lápis/ a pulso [...] o deserto/ que cada vez mais/ se assume// diante do vazio e do abismo” testemunha a criação e de seu apocalipse portátil, de que também “há dez mil poetas/ lapidando/ uma única palavra// uns por despeito e/ inveja/ outros apenas por/ ócio e/ vício”, duplicando-se mais uma vez para que a leitura deixe de ser interpretação, de origem escolástica, na busca de uma verdade divina, e torne-se experiência, segundo Deleuze, quando criarmos com o autor.

Pos-Scriptum. Um Sensacionismo Sugerido

A *Apresentação* passou, e muito, do imaginado, então não abusarei mais de sua curiosidade quanto ao livro nem do curto espaço que ainda possuo, ficando para um ensaio aprofundar a questão do Sensacionismo pessoano em **Linho branco**, quem sabe noutros poetas que compartilhem semelhante forma de forjar sua magia poética e sua liberdade lírica. No entanto, não gostaria de concluir sem deixar, ao estilo de **Edson Camargo de Bueno**, de ser inusitado e registrar, no último parágrafo, um dos melhores contatos entre os seres humanos, talvez aquele que retome a inocência tão necessária para que a memória dos sentidos venha à tona e plasme em torno um ar inspirador

Do nosso amor: “porque entre as pernas/ tens um diamante/ (ou rubi)”, “o gozo antecede/ o medo”, em diálogo com “olhos vermelhos/ da noite/ da noite/ extraem o medo”, “me lembro quando amar/ não doía/ pérola na língua/ vermelho carmim// agora carrego um olhar flutuante/ choro lendo haicais/ chuva sobre bambuais// tensão de garoa/ uma lata vazia flutua no ar// um dia ouvi alguém que esqueci/ sussurrou// em japonês/ amor/ se diz– ai –” e “aninhado que estou entre suas pernas/ minha cabeça sobe seu ventre// quero ficar imóvel/ o quanto aguentar// quero beber o fel com o vinho/ e comer/ o pão que sua mão amassou”.

Paulo Sposati Ortiz, autor de **A diferença do fogo** (2014)

<http://adiferencadofogo.blogspot.com.br/>

<http://poenocine.blogspot.com.br/>

três atos



teias de aranha
 poeira secular
 goteiras no velho telhado
 a fábrica vazia
 assim vazio o meu corpo
 tal qual copas
 no baralho aberto

o último suspiro
 supera

retábulos
 rótulas
 ritos

cruzes que se atracam
 nuvem no céu escuro

dê - nos
 o que não tem
 a paz

3

a segura de teus olhos
 não me olham
 porque entre as pernas
 tens um diamante
 (ou rubi)

eu preciso lançar-me em braços
 quebrar todos os protocolos
 mesas e cadeiras

dar-me ao duro corpo
 “*um copo de cólera*”

dar-me ao mesmo duro dia
 o nome de um dia

a semana passa
 devastada de seus dias
 balanço a cabeça
Nemo nunca se encontrou
 mesmo o duro golpe
 um gole de vinho

já te encontrei
outros dias
o gozo antecede
o medo

já te tive
como mulher tantas e outras vezes

sempre parece a primeira
sempre é tímido o corpo
sempre a minha senhora

dulcemente
envolver meu rosto
com seus cabelos

em espanhol seriam
sus pelos

unha de cachorra

*“ já não existo em alguns lugares”
Danilo Bueno*

unha de cachorra
azulejo branco
 sucumbe a trincas

embalagem vazia de minicassete
 abandonada sobre o móvel

mordida
ai!!

 anta
 tapir
 anta
 tapir

rato com fome
 roendo o destino
rato com fome
 roendo o disco do sol

anta tapir

tapete voador com traça
 poeira de séculos escondida
 traço trinca tapir

anta

 ata

táta

 tato

tapir

tudo está contido em tudo.

os nomes mudam

1

chávena de chá
colher
serviço de mesa
toalha xadrez

1.1

à noite
os nomes mudam
 permaneço mudo

uma muda de roupa
 limpa
sobre a cama
espera

os lençóis são de um branco
de doer os olhos
se ilumina
 quando bate o sol

a fronha do travesseiro
está perfeitamente ajustada
de lavanda perfumada

1.2

seu olhar se perde na brisa
 e eu não consigo apanhar

1.3

há dias em que a neblina
que sobe da serra
oblitera o sol

fico triste
quando não se vê o sol

1.4

cartas sem endereço
vão para qualquer direção
mas nunca chegam
a lugar algum

1.5

o desenho de um
 corpo
marca o lençol
a cama em que
dormimos (abraçados)

retêm a nossa
 memória

um cão acharia
 também
 o cheiro
mas hoje não

1.6

fantasmas
 só tem solidão

dentes

1

quando se fala
 leite
penso dente

caixa de guardados
vidros vazios
e guizo de cascavel

quando se fala
 medo
não sei mais nada

tinha certezas
agora não as tenho
 mais

2

o cristal
posto
em frente à luz
 da lua
preso que está
ao poste da rua

ossos
dedos
artelhos e vértebras

a lua
cintila no cristal calcedônia
 (do mais puro)
vaso/vidro cheio d'água
 reflete
 azul e verde (de águas marinhas)

3

ontem
dormi estrela
 comi toda a luz
irrompeu por todas as extremidades

 o ânus o nariz
respiro o fôlego
 ainda quente
 mente e quasar

não haverá paz
 nos montes (nem hoje nem mais)

4

toda a casa (reminiscência) tem
frente vermelha
cimento queimado

tijolos ao sol
 ainda novos
 irradiam
 fosforescências

5

ontem ainda
dormi criança
 um feto
 em gozo e ciranda
 embrulhado
 por seu ventre

a luz da lua
 transpôs
 meus olhos
 novamente
 de dentro para fora (iridescente)

o fim está em
 outro poema

sua própria
 linguagem

asa de xícara

1

orelha
de xícara asa
fino cristal porcelana

branca sobre a mesa
pequeno filete dourado

dourado o chá
o cheiro de erva-doce
e bolo

perfume/manhã interrompido chama e cigarro

2

cigarras cantam no jardim
sinfonia de cascas de árvore
bétulas e romãs
cinco anos sob a úmida terra
a pele antiga rompida/abandonada

nuvem de gafanhotos se avista na janela

3

a terra/pedra cozinha no cadinho
metal incandescente e líquido
lavada com água tridestilada
a asa de corvo
alma luz polarizada

negro bloco de ébano
flor incrustada em pedra basáltica
gárgulas lanças de ferro/terra

fornos ardentes eternos
fogo contínuo
por mil anos queimando

almas e enxofre

4

água/ácido/sulfonados
destilam nas beiras
água sulfúrica
sob chão de tábuas
pranchões lisos
chinelos de dedo pisam suaves

operários sem medo
percorrem alameda sem luz

5

por fim acordar assustado
para se perceber
ainda dentro do pesadelo

mosquito
zumbindo à noite
picando dentro da orelha

verve

laço
trasto
rastros de vento

o remoinho carrega (saci?)
folhas
secas como o outono

depois mais adiante
deposita
nada é absolutamente novo

os ninhos
tarde o dia
oferecem farto abrigo
galhos e penas

não tarda
pai e mãe
se aninham no sono

à noite
sopro gelado
ondula
ainda outono

abriga
s(m)eu pesadelo
o pio da coruja
breu
sem estrelas
gravetos secos estalam

olhos vermelhos
da noite
da noite
extraem o medo

a turba
sibila
entre(dentes)
palavras de ordem
de toda a ordem
por toda a parte ausentes

não
ainda não é dia
pelos lados da serra
pispiam umas luzinhas
mas é pouco
um quase nada
de lume

outrora a casa
toda coberta de luz e copas
abria-se toda no claro

multidão de estrela
no verve
a palavra era santa
de todos os santos
altares e cantos
e velas

hoje todo
a água é malsã
não há alumbre
só as sombras
caminham nos quartos

choro de criança
no canto menor
cantinho/baixinho

tem uns troços jogados por ai

a casa
ela
parece que
o fim
de um desastre

quando
nascido era o sonho
o medo
não
de(novo) presente

cada canto
cômodo
madeira rachada

taciturno
olhar de abandono

livros rasgados
papel velho
e jornal amarelo

novamente
 o vento
viração de *ontontem*
carece de compreender (não)
 laços rompidos

uivos e *lamentos*
(elementos)
latentes,

vidros quebrados
janelas sem tranca

(lembro minha mãe
lençóis brancos como velas)

mas sempre estive ausente

espinhos/arames

1

havam
tantos/todos
daqueles meninos
com luzes nos olhos

flores de laranjeiras
 espinhos/arames farpados

muitos não tinham
para onde ir

outros menos pudicos
eram ali mesmo

era incenso
mirra e mel
carnaval/canavial

outros não

2

tudo
imaculadamente limpo
impiedosamente branco

outro arame
das cercas
cercanias anunciadas

água e sangue
tinto o linho/cânhamo/algodão

cheiro de álcool e éter

3

cheiro de terra
úmida
urina

balõesinhos
outrora noite
luzes de inverno

ave agourenta

a ausência do som
que se faz antes da chuva
cria um silêncio tão alto
que o ouvem os passarinhos
se espantam as moscas

e eu insano
feito ave agourenta
perturbado
dançando de braços abertos

lábios roxos
de frio e piedade
massa d'água cobrindo a cabeça
gelo frio das alturas

não me abalo com que dizes
já não creio

chaves/correntes

ouço
do corredor
um barulho

chaves/correntes
batendo

sinos de vento
umas nas outras

um som de ferrugem
de coisa guardada

de coisa fuligem
de sal e de terra

de coisa
sim
de coisa
sem que eu saiba

santuário



tijolos abandonados

tijolos abandonados
na escada

espinha de peixe
vazia
nadando em pleno ar

alça de moebius
ouroboros
retângulos perfeitos
moto-contínuo

esboços/projetos para a insanidade
quadros surrealistas
como paisagem/janela

temporal

ouroboros
grafado nas costas
pele branca por papel

serpente emplumada – quetzalcoatl
escamas de jade
unhas de obsidiana
a rasgar as carnes
separando dos ossos

olhos de turquesa
a pedra *azul da cor do céu*

anel
flagelo
e torpor

o povo
espera do sumo sacerdote
um sinal

lua tinta em sangue
sangue bombeia nas veias

o sangue escoará pelos séculos
no ralo do tempo
no abandono das almas

gliptotecas

a cidade

permeia seus geoglifos vistos do céu

há desenhos geomânticos

sob seus pés (não sentes?)

há esfinges

gliptotecas

enigmas escritos nas rachaduras da calçada

mas ninguém lê

permanecem mistérios

debaixo da terra

fumaça e vento

o enxofre das calhas

precipita o tempo

ferrugem e azougue

por fora e por dentro

de toque

mói-se
no almofariz
relógios, moedas, correntes e sementes

no alguidar
duas vezes coado
repousa

o fogo brando
mantido a meia-luz

banhada na luz da lua
água três vezes destilada

o sangue de rubro
ficou negro

deu-se de beber a terra

espirais

três espirais
três paralelas
quatro perpendiculares
(pilares basais)

triângulos quadrados perfeitos
encaixes perfeitos
sectio aurea (segundo Leonardo da Vinci)
sectio divina (segundo Lucas Pacioli)

espinho de roseira
ou barbatanas de tubarão
desenho em evolução
lápiz e papel

angular

pedra dura e angular
risco de giz no céu
visgo negro da rocha marciana

pedra da lua
pedaço do céu

signos

signos
que se escondem nos símbolos
não lidos

monturos
cujo significado
no esquecimento coletivo
mergulharam

elementos
destacados na planície

quirguiz

o espelho
não se reconhece em mim
fragmento que sou
desta realidade/imagem

o espelho
rejeita a efígie
eu quase quasímodo

quirguiz
de uma estepe árida

santuário

aberto o campo
verde
verte lágrimas

santo óleo e sal

santuário
iluminado ardente
reparo
de soslaio

ossos brancos
ao léu

esquecimento

relicário natural
bandeiras
verdes e vermelhas,
procissão imperial

fitas azuis claras
aragem tropical
moldura do céu

“cria cuervos”

*“cria corvos,
que te comerão os olhos”
Ditado espanhol.*

os globos vazios
sem saber porque
 rubro desenho

desejos baços
na escuridão
noite vazia
 irrompem
 rompem

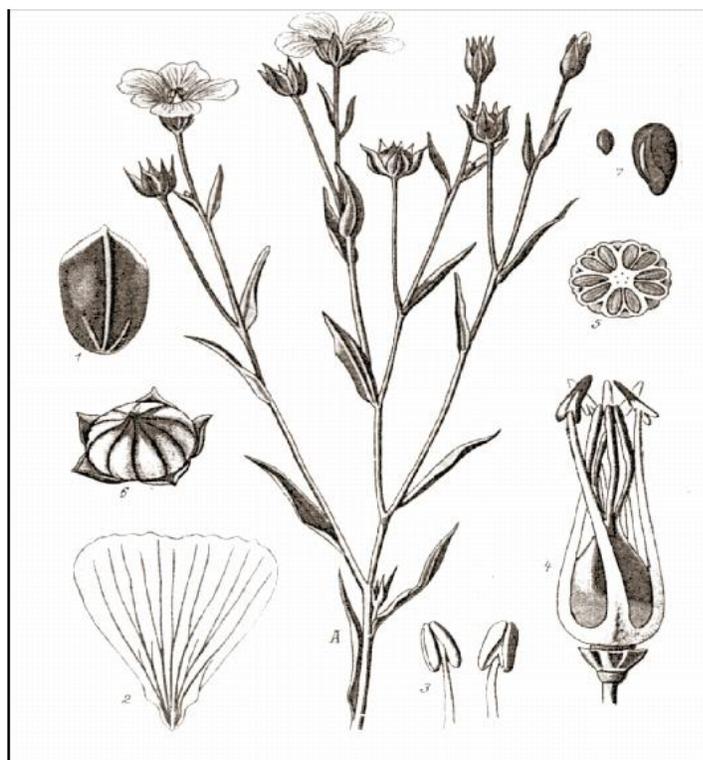
“cria cuervos”
 asas negras
 tinto e rojo

outro nome para desejo
 inconfessável

há um mote
 que martela o cenho

o rufar das penas
 e só

linho
branco



anespirais

espirais cobrem meu corpo
despencam helicoidais
ideogramas/nanquim/pincéis
tatuagens
não breves sinais

rufar de tambores
febre cerebral/enxaquecas
furor
humor e tumor
dores fatais

não sei quanto tempo
sentado na praça
contando cachaça
bebendo desgraça

sem você
sou vazio e sem cenho
criança sem colo da mãe

me lembro quando amar
não doía
pérola na língua
vermelho carmim

agora carrego um olhar flutuante
choro lendo haicais
chuva sobre bambuais

tensão de garoa
uma lata vazia flutua no ar

um dia ouvi alguém que esqueci
sussurrou

em japonês
amor
se diz – ai –

salamandras

bicho
lagartixa grudada no céu
de límpido cristal
parece

escamas de fogo
salamandra mítica/mística

globo ocular de fogo
órbita translúcida
vórtex no firmamento

nebulosa à noite
alaranjada/iluminada

olhos de rubi/rósea gema
impacto de lava
sulfúrea incandescente/granito

caldeiras de chama estrutural
ardem o fruto do ventre da terra
cozinha primordial/bestial

velocidades inflamadas do ar
dragão chinês a me fitar
carboniza ouro e caos
no tombo da pedra/minério/granito
o fumo iridescente

coração de Maria
de amor a queimar

nó

apertado
reatado

o nó

busca o escuro
archote a mão
o velho cego
(ainda procura um justo)

o nível de pedreiro
sempre apontará
o centro da terra

aqui
novamente apóstata
trama do acreditar
não aceitar

aquário
em cima do bar
ambiência néon
confraria do vidro

uns contém água
outros
licor

um lebiste
sob a luz branca fluorescente
cauda furta-cor
se entristece

um cigarro queima lentamente
num cinzeiro de mão de macaco
na antecâmara do inferno

copo por vaso

num copo por vaso
jaz uma rosa
há muito já morta
foi-se o vermelho
suas pétalas
o caule já seco

água turva esverdeada
(perigo, diz William Blake)
pequenos insetos aquáticos
surgidos por biogênese

nas margens/bordas
do vidro
o limo acumula
formando insólita auréola
um *microverso*

no campo invisível
amebas navegam
como alevinos de anêmonas
(ou seriam larvas)

indiferentes a tudo
algas verdes se multiplicam
desde tempos imemoriais

olhos de vidro

um artesão
criar braços e pernas
articulados
a mais fina madeira marfim
cem vezes lixada
cem vezes polida

olhos de vidro de *Murano*
pele de china
finíssima porcelana

para o cobrir
brocados com fios de ouro
forjados por elfos da Floresta Negra
linho do Nilo
sedas persas e uigures
estampas malaias e de Bali

joias caras de Milano
pérolas japonesas de mar profundo
e prata de Potosí

não haverá no universo
peça mais cara
mulher mais bela e rara

no entanto
fria e sem alma
será abandonada
em qualquer canto da casa
entre tesouros abandonados por piratas
e teias de aranha do sótão

como mimo não conquistado
dado
e logo esquecido

cidadela

cravados no chão
pinos e ruído a martelo
 observo
 eu
 plateia

rumorosos trabalhos
memória de cordas
 e lonas

risos de criança
narizes vermelhos no picadeiro
aclamação e taciturnidade

oleados coloridos
cartazes e luzes

tigres e leões no tablado
 mordazes
circo de horrores
outros idos

na arena o bufão
afadigado e abatido

espectadores ausentes
no fim da função

sob a ponte o rio corre
 inclemente

“omphalos” do universo

sol que se cobre de sombra
nuvem borrão
cinza sobre a testa
vestido de humilde
de saco rasgado
imago do caos

esquecidos
ao seu tempo
homens perambulam sob o carregado céu
insones ambulantes
cabisbaixos em seu fadário

acho que já escrevi isto um dia
algum dia e outro dia
novamente agora
neste dia quase novo

olhando o próprio umbigo
como se este fosse o “omphalos” do universo
rezingando em autocomiseração

como quem busca
pelo próprio fim

linho branco

esta manhã
rompi com a chuva
libertei meus pecados/pedaços
de suas obrigações

(fugiram, nem olharam para trás)

esta manhã ainda
marchei para a guerra
como que não houvesse
qualquer direção
para a paz

teci o tecido mortalha
com o linho branco
da luz da imensidão

de uma lua amarela
tingi meu olhar
carreguei em meus braços
meu eu
morto no mar

as palavras da morte
escrevi em meu peito
sobre meu coração

fel e vinho

o corpo veste a alma
velho casaco de carne
como sentimento guardado
este amor por você

talvez continue acordado
ou há muito já durmo

não sei se a insônia mais tarde
não sei mais das minhas verdades
da rua molhada lá fora

da chuva inclemente
que cai

as fotos preto e branco na gaveta
amarelecendo

talvez minhas lágrimas exibam
o meu verdadeiro eu

saberei ainda
de seu beijo no escuro
da minha mão em seu sexo de novo
do cheiro de excitação

talvez volte a ser menino
corado de vergonha
aninhado que estou entre suas pernas
minha cabeça sobre seu ventre

quero ficar imóvel
o quanto aguentar

quero beber o fel com o vinho
e comer
o pão que sua mão amassou

“pax” armada

de tudo que é sagrado
me apropriro

Sagrado Coração de Maria (flamejante)

Sagrado Coração de Jesus

Sagrada Ordem do Templo (enfunadas cruces vermelhas
bandeiras)

sagradas geometrias

ciência escondida na pedra

(círculos)

vértices góticos

em capelas e catedrais

“pax” armada

espadas

esperando pela promessa do profeta Isaías

ignívoro

ainda espera

agônico

destas longas

e intermináveis

elipses

esferas

da eiva antiga

acre eivado

ferido e curado

parece ignívoro

blasfema língua

vomita decassílabos

plumbagina, outra cor

quelônios despencam do céu

(acautelem-se sábios)

ser rebotalho

tentar sobrepujar

titãs enfezados

bestas e moendas

telúricos moinhos

atalantes disfarçados

(lanças e cavalos)

criar vórtices

no ar

sem vento

na luta

da lua

eterna rebentação

em costões traiçoeiros

mariscos incrustados

aguardam

reboco

ruínas em restos

botijas

pequenas obsidianas

sobras do desastre

a pulso

o ato (primeiro?)
de apontar o lápis
a pulso

traçar no papel
linhas
pontos e retas

esboço incompleto
incompreendido

do nado/oco
extenso do dia

cítaras e timbales
dentro dos ouvidos

arsênico
soros e ácidos
para o estômago

círios e ceras/pavios
para a iluminação

no fundo
a catedral do medo
não esconde
góticos desejos

o deserto
que cada vez mais
se assume

diante do vazio e do abismo

ócio e vício

uma flor
devora meus olhos
 plácida
na velocidade
de um pensamento

as novas carruagens
digerem o fogo
 enxofre e chumbo
em suas entranhas

se estranhas
às minhas palavras
entendo-te perfeitamente

nem mesmo (eu)
tenho tido controle
desta insanidade

há dez mil poetas
lapidando
uma única palavra

uns por despeito e
 inveja
outros apenas por
 ócio e
 vício



Edson Bueno de Camargo - Santo André - SP, 1962, mora em Mauá – SP. Poeta, pedagogo, fotógrafo extemporâneo e entusiasta de arte-postal.

Publicou: “a fome insaciável dos olhos” - Editora Patuá - 2013; “cabalísticos” Orpheu – Editora Multifoco – Rio de Janeiro – 2010; “De Lembranças & Fórmulas Mágicas” Edições Tigre Azul/ FAC Mauá -2007; ”O Mapa do Abismo e Outros Poemas” Edições Tigre Azul/ FAC Mauá -2006, “Poemas do Século Passado-1982-2000”.

Participou de algumas antologias poéticas e publicações literárias diversas: Babel Poética, Zunai, Germina, Meiotom, Diversos Afins, Confraria do Vento, O Casulo, Celuzlose, entre outras.

<http://umalagartadefogo.blogspot.com>

Este livro não está impresso em papel.

teci o tecido
mortalha
com o linho branco
da luz da inensidão

de uma lua amarela
tingi meu olhar
carreguei em meus
braços
meu eu
morto no mar

as palavras da morte
escrevi em meu peito
sobre meu coração